

## **Construções correlatas substitutivas contrastivas - uma análise funcional centrada no uso**

### **Contrastive substitutive correlative constructions - a usage-based functional analysis**

*Ivo da Costa do Rosário\**  
[rosario.ivo3@gmail.com](mailto:rosario.ivo3@gmail.com)  
Universidade Federal Fluminense

*Daniele Cristina Campos\*\**  
[danielecamos@id.uff.br](mailto:danielecamos@id.uff.br)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é examinar os padrões de uso das construções correlatas substitutivas contrastivas (CCSC) no Português Brasileiro (PB), sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso. As CCSC raramente são abordadas pelas gramáticas. Configuram-se como construções formadas por prótase (elemento negativo) + apódose (conector de valor adversativo, seguido ou não de partícula de reforço afirmativo). Quanto aos dados para análise, tomamos como *corpora* o sítio de notícias da Folha de São Paulo. Com base em uma metodologia qualiquantitativa, selecionamos 61 dados, em língua portuguesa, na modalidade escrita do idioma. Foram encontrados dez *types* de construções instanciadas pelo padrão [Neg X, Conect Y]. As CCSC, assim como todas as construções correlatas, são dotadas de forte valor argumentativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construções substitutivas. Correlação. Contraste.

**ABSTRACT:** The objective of this paper is to examine the usage patterns of contrastive substitutive correlative constructions (CSCC) in Brazilian Portuguese (BP), from the perspective of Usage-Based Functional Linguistics. CSCC are rarely discussed by grammars. They are configured as constructions formed by protasis (negative element) + apodosis (adversative connector, followed or not by affirmative reinforcement particle). As for the data for analysis, we take as *corpora* the news site of *Folha de São Paulo*. Based on a qualiquantitative methodology, we selected 61 data, in Portuguese language. Ten types of constructions instantiated by the standard 'Neg X, Conect Y' were found. The CSCC, as all correlative constructions, are endowed with strong argumentative value.

**KEYWORDS:** Substitutive constructions. Correlation. Contrast.

---

\* Doutor em Letras Vernáculas (UFRJ) e em Letras (UFF). Professor adjunto de Língua Portuguesa do Instituto de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense.

\*\* Mestranda em Letras Vernáculas (UFRJ). Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ).

## Introdução

A tradição gramatical, ao descrever e analisar o processo de articulação de orações, no âmbito do chamado período composto, trabalha com uma noção dicotômica, que tende a considerar somente a coordenação e a subordinação. No entanto, o processo de articulação de orações não se restringe a essa díade, haja vista a existência de outros processos, como a justaposição e a correlação (cf. ROSÁRIO, 2017, 2018). Assim, uma abordagem gramatical mais espelhada na realidade linguística, amparada em dados de língua portuguesa em uso, não se sustenta à luz dos preceitos tradicionais.

Ao investigarmos a relação sintático-semântica presente em enunciados do tipo “Não podemos educar com imposições, *mas sim* com respeito e liberdade”<sup>1</sup>, observamos que essas construções apresentam semelhanças com as estruturas de coordenação (haja vista o emprego dos conectivos *mas* e *e*), mas também há especificidades em relação à sua configuração formal e funcional.

Como essa é uma construção quase ausente das tradicionais descrições gramaticais, este artigo tem como objetivo apresentar um panorama do seu uso, em termos formais e funcionais. Para isso, empreendemos uma breve revisão dos critérios de (in)dependência sintática e/ou semântica propostos tanto pela tradição gramatical – como atestado em Bechara (2009), Cunha e Cintra (1985) e Rocha Lima (2011) - quanto por abordagens mais modernas, calcadas em investigações científicas na área da linguagem – como Castilho (2016) e Rodrigues (2013; 2014). Afinal, o critério da (in)dependência costuma ser o ponto fulcral na distinção entre subordinação e coordenação, tal como preconizado pelos teóricos em geral. Em seguida, resgatamos muito brevemente uma obra seminal, denominada *Teoria da Correlação*, de Oiticica (1952), na qual encontramos uma tipologia de orações correlatas, o que, de certo modo, nos instrumentaliza com relação à descrição do fenômeno aqui focalizado.

Esse percurso nos ajuda a compreender melhor o estatuto formal e funcional das *construções correlatas substitutivas contrastivas*, doravante, neste trabalho, denominadas CCSC.

---

1 Dado extraído da Folha de São Paulo, em texto publicado no dia 26/11/1994.

A proposta de Oiticica reacende a discussão de que a correlação constitui um processo de articulação de orações distinto da coordenação e da subordinação, como também podemos atestar em Rosário (2012, 2014, 2015, 2017), Rodrigues (2014), Castilho (2016), Margarido (2016), Acosta (2016) e Fernandes (2017). Por outro lado, apesar de esses pesquisadores se debruçarem sobre o tema, ainda há um grande trabalho de descrição e análise a ser implementado. Nas palavras de Oiticica (1952, p. 2), “outros, futuramente, com mais lazer, alargarão as pesquisas, pois, neste assunto, deparam-nos os autores, floresta inexplorada”. Uma das lacunas dessa grande “floresta inexplorada” é justamente o papel das CCSC, que praticamente ainda não foram abordadas em nossa literatura, salvo raras exceções, como a pesquisa de Lima-Hernandes (2014) sobre correlações inovadoras.

Em termos de organização, além desta introdução, este trabalho está estruturado em seis seções. Na seção 1, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos sobre os quais se fundam esta pesquisa, bem como o tratamento dado ao *corpus*. Na seção 2, empreendemos uma revisão da literatura de cunho tradicionalista acerca do estatuto da articulação de orações, comparando-a a abordagens alternativas, baseadas em critérios não dicotômicos. Na seção 3, resgatamos a proposta de Oiticica (1952), sob o viés de que a correlação tem um estatuto distinto da coordenação e da subordinação. Na seção 4, apresentamos alguns dados de nosso *corpus* para análise. Na seção seguinte, tecemos algumas conclusões acerca das investigações apresentadas ao longo do texto. E, por fim, na última seção, seguem as devidas referências consultadas para a elaboração deste trabalho.

## 1 Pressupostos teórico-metodológicos

Este trabalho assenta-se na premissa de que a língua é não só um instrumento de comunicação ou a expressão do pensamento, mas um sistema maleável e em constante mutação, em virtude das vicissitudes do discurso (cf. GIVÓN, 1990). Mais modernamente, compreendemos a língua como um conjunto de operações cognitivas, composto de dados captados de experiências não linguísticas, os quais, de algum modo, se refletem em sua estrutura interna (cf. BYBEE, 2010).

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), ou Abordagem Construcional da Gramática, prevê que as línguas humanas podem ser

representadas por meio de um grande inventário de construções, com muitos nós. Esse inventário é sujeito a pressões de uso e também exhibe variação e mudança em diferentes níveis.

A LFCU representa uma fase mais avançada dos estudos funcionalistas. Adjuge premissas da Linguística Funcional de vertente norte-americana (hoje denominada Funcionalismo Clássico) com os recentes desdobramentos da Linguística Cognitiva, pelo viés da Gramática de Construções Baseada no Uso. Com isso, nessa linha, tanto aspectos formais quanto funcionais são fundamentais na descrição dos fenômenos linguísticos em geral.

Nessa perspectiva teórica, a unidade básica e fundamental da língua é a construção, entendida como um pareamento de forma e significado. As construções são muito diferentes entre si, em termos de tamanho, especificidade fonológica e conceptualização (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 13). Assim, há construções substantivas e esquemáticas, procedurais e conteudistas, atômicas e complexas. O estudo da integração de orações (como o que é feito neste artigo) normalmente está centrado em construções complexas procedurais intermediárias. São complexas, pois se constituem com mais de um elemento linguístico. São procedurais, pois são conceptualizadas de forma mais gramatical que lexical. Por fim, são intermediárias em termos de especificidade fonológica, pois só contam com alguns elementos preenchidos (em geral, os conectores).

Na LFCU, três fatores são fundamentais para a descrição linguística: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A *esquematicidade* está ligada ao grau de abstração de uma dada construção. Assim, esquemas, subesquemas e microconstruções representam diferentes graus de esquematicidade, indo do mais geral para o mais concreto, em uma verdadeira hierarquia construcional. A *produtividade*, por sua vez, na visão de Traugott e Trousdale (2013, p.17), diz respeito a sua extensibilidade, ou seja, (i) o grau em que os esquemas sancionam outras construções menos esquemáticas; (ii) o grau em que tais esquemas são restringidos. Por fim, a *composicionalidade* diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado. Uma construção é mais composicional quando é possível associar o seu sentido à soma de suas partes. Ao contrário, a construção é menos composicional ou opaca quando o seu sentido diverge, em alguma medida, do sentido da soma das suas partes.

Ainda com relação à questão da produtividade, é importante acrescentar que *frequência* é um ponto fulcral em pesquisas baseadas no uso. Afinal, alta frequência tem o papel de contribuir com a rotinização e, conseqüentemente, com o entrenchamento de um determinado uso na língua. Na tradição funcionalista, há uma distinção entre frequência *type* (frequência de tipo) e frequência *token* (frequência de ocorrência).

Apesar de a LFCU ter renovado suas bases teóricas, ainda é comum o uso de princípios e postulados do Funcionalismo Clássico. Por exemplo, ainda há grande destaque nos estudos de Himmelmann (2004), que fala em três tipos de expansão decorrentes da mudança linguística, explicados por Rosário e Oliveira (2016, p. 238): a) *mudança da classe hospedeira*, que prevê a ampliação paradigmática de membros de uma dada categoria, em face da entrada de um novo membro na classe; b) *mudança de contexto sintático*, que envolve metonimização, com rearranjo na ordem dos constituintes internos e conseqüente formação de uma nova sintaxe regular de expressão; c) *mudança de contexto semântico-pragmático*, considerada por Himmelmann (2004) como a mais importante, uma vez que envolve desbotamento de sentido, com ressemantização e uso anafórico associativo.

Outros dois importantes conceitos são *reanálise* e *analogia* (mais modernamente denominados, respectivamente, *neoanálise* e *analogização*), compreendidos como mecanismos de mudança linguística. Inicialmente a reanálise estava centrada apenas na mudança na estrutura de uma expressão. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 36-37), essa noção foi alargada, e já se fala em neoanálise sintática e neoanálise semântica. A analogia, por sua vez, está muito ligada a correspondências entre um exemplar e elementos a ele associados.

Por fim, ainda nesta breve síntese teórica, destacamos o conceito de iconicidade (correlação natural entre forma e função) e seus três clássicos subprincípios formulados por Givón (1990) e apresentados por Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2015, p. 23): a) *subprincípio da quantidade* – quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma; b) *subprincípio da integração* – conteúdos mais próximos cognitivamente também estão mais integrados no nível da codificação; c) *subprincípio da ordenação linear* – a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática.

Após esta concisa incursão em alguns pressupostos teóricos fundamentais, podemos agora apresentar algumas informações de cunho metodológico. Quanto ao

tratamento do *corpus*, propomos uma abordagem quantitativa e qualitativa, cujo objetivo é analisar a relação sintático-semântica dos diferentes arranjos estruturais identificados nas CCSC. Para isso, coletamos 61 dados, em língua portuguesa contemporânea (dados do século XXI), na modalidade escrita do idioma, do sítio de notícias Folha de São Paulo (doravante FSP), por meio da ferramenta *Google*.

Durante a seleção dos dados, optamos pelos gêneros artigo de opinião, carta do leitor, notícia jornalística e entrevista, por acreditamos que esses gêneros textuais são o *locus* da argumentação, que é o espaço privilegiado para o uso da correlação (cf. ROSÁRIO, 2018). Neste trabalho, os dados da Folha de São Paulo estão identificados pela sigla FSP, seguida da data em que houve a publicação do texto de onde se extraiu o dado. Prótase e apódose estão identificadas por meio de colchetes, para que o leitor tenha maior facilidade na hora de localizar essas duas partes constituintes do par correlativo. Pelo mesmo motivo, os correladores estão em itálico.

## 2 O estatuto da articulação de orações: coordenação vs. subordinação

Nesta seção, objetivamos rever o estatuto da articulação de orações pelo prisma da tradição gramatical, comparando-o a abordagens mais modernas. ROSÁRIO (2016, p. 254, grifos do autor), após um minucioso estudo acerca dos processos de estruturação de orações, no âmbito do período composto, em obras de cunho tradicionalista, apresenta-nos as seguintes constatações:

Para Rocha Lima (1999) e Ribeiro (2004), [...] a subordinação exhibe uma relação de *dependência sintática*. Para Almeida (2004) e Bueno (1963), por outro lado, trata-se de uma relação de *dependência semântica*. Da mesma forma como há divergência no tocante à subordinação, também há dissensões no âmbito da coordenação. Assim, para Cunha e Cintra (2001) e Kury (2003), na coordenação há *independência semântica*. Já para Rocha Lima (1999) e Ribeiro (2004), trata-se de um caso de *independência sintática*.

Como podemos observar, as exposições teóricas da tradição gramatical não definem com exatidão o que difere a coordenação da subordinação. Em geral, essa distinção repousa no critério de (in)dependência, contudo sabemos que esse mesmo critério é compreendido de forma diversa (e até antagônica) pelos gramáticos.

Garcia (2010, p. 41) também reconhece que os limites entre coordenação e subordinação são, por vezes, difusos.

Ainda no que concerne a essa investigação do estatuto da articulação de orações, cumpre-nos apresentar as propostas de Azeredo (2012; 2013) e de Perini (2005). Para Azeredo (2012), a subordinação se estabelece por funções sintáticas no interior das orações, ao passo que a coordenação se estabelece por relações discursivas. Segundo o mesmo autor, a coordenação desconhece os limites da oração, podendo coordenar-se vocábulos, sintagmas, orações e até parágrafos. Ele ainda acrescenta que tanto na coordenação quanto na subordinação “há sempre uma intenção de sentido na origem de qualquer articulação de duas unidades de informação no discurso” (AZEREDO, 2013, p. 293).

Perini (2005), por sua vez, destaca que as orações subordinadas “têm também uma função semântica (isto é, significam alguma coisa), de modo que não seriam dispensáveis, mesmo em princípio” (PERINI, 2005, p. 138). Em relação à coordenação, ele acrescenta que “se aproxima dos fenômenos discursivos, muito menos dependentes da estrutura interna das formas linguísticas e baseados, em vez disso, de preferência em fatores semânticos e cognitivos em geral” (PERINI, 2005, p. 143). Considerando a perspectiva desses dois autores, podemos concluir que não há neutralidade no campo sintático nem no campo semântico. Em outras palavras, a alegada possibilidade de omissão de uma estrutura coordenada precisa ser relativizada, haja vista as motivações discursivas para o seu uso.

Uma visão alternativa ao hesitante critério de (in)dependência sintática e/ou semântica da tradição gramatical, no âmbito das investigações do processo de articulação das orações, é a proposta de Castilho (2016, p. 339-340). O autor substitui a terminologia da tradição gramatical de período composto (subordinação e coordenação) por sentenças complexas (doravante SC) e expande para cinco os tipos diferentes de sentenças presentes no processo de articulação de orações.

1) SC estruturadas por *justaposição*: uma sentença se apõe a outra sem qualquer nexos conjuntivo. Ex.: Escreveu, não leu, o pau comeu.

2) SC estruturadas por *coordenação*: são sentenças independentes sintaticamente ligadas por nexos conjuntivo. Há independência semântica, posto que um elemento coordenado não modifica o outro. Não é, portanto, adequado considerar a primeira sentença como principal. Ex.: Viajei e esqueci o trabalho.

3) SC estruturadas por *encaixamento*: quando sentenças são argumentos de outra. Ex.: Ela disse [que chegaria a tempo do jantar]. A sentença entre colchetes é argumento da forma verbal “disse”.

4) SC estruturadas *sem encaixamento*: uma sentença se relaciona à outra em adjunção. São adjutores e não subordinadores. Ex.: [Quando Ana saiu], Carlos ficou à vontade. A sentença entre colchetes estabelece uma relação de adjunção com a oração seguinte.

5) SC estruturadas por *correlação*: uma sentença estabelece com outra uma relação de interdependência, de tal sorte que uma expressão constante na primeira relaciona-se com outra expressão constante na segunda sentença. Ex.: Tanto amou que enlouqueceu.

Como podemos ver, Castilho (2016) rompe com a dicotomia coordenação vs. subordinação da tradição gramatical ao agregar parâmetros de análises mais amadurecidos e enveredados por estudos linguísticos. Por outro lado, suas contribuições também são passíveis de uma crítica mais detida. Duarte (2014, p. 205-209), por exemplo, adverte que, nos termos de Castilho, dentro das SC estruturadas por encaixamento, podem ocorrer SC estruturadas por coordenação, e também nas SC estruturadas por coordenação, podem ocorrer SC estruturadas por encaixamento. Vejamos, por exemplo, o dado (1):

- (1) Para se conseguir plena colaboração dos empregados aos ganhos de produtividade e competitividade da empresa, a mudança de comportamento deve acontecer em todos os níveis. Mudar os padrões da relação capital/trabalho é fundamental. [Não se trata de conceder benefícios hoje ou amanhã], [mas sim estabelecer a correspondência de determinadas vantagens em função do atingimento de resultados preestabelecidos]. Todos devem estar a par dessas metas, acompanhar os resultados, saber quais serão os benefícios e os beneficiários. Tudo bem claro e transparente. (FSP - 03/04/1994)

No dado (1), a SC estruturada por encaixamento apresenta dois argumentos internos (*conceder* e *estabelecer*) para a predicação verbal *tratar*. Esses dois argumentos encontram-se ligados por meio do conector<sup>2</sup> ‘*mas sim*’ que, quando antecedido de advérbio de negação (‘*não*’), forma um par correlativo de focalização contrastiva ‘*não...mas sim*’. Nesse dado, o par correlativo ultrapassa os limites da SC estruturada por encaixamento.

<sup>2</sup> Utilizamos o termo ‘conector’ para fazermos referência a quaisquer elementos de conexão, como conjunções, advérbios, preposições e outras expressões que tenham função análoga. Trata-se de um termo mais amplo que *conjunção* e *conectivo*.

Tudo isso demonstra que, apesar da elegante proposta de Castilho (2016), existem relações no interior das orações que extrapolam os limites estruturais das sentenças complexas. Em outras palavras, estabelecer critérios baseados em total (in)dependência sintática e/ou semântica é inadequado, senão, impossível.

Pelo exposto, depreendemos quão densa e complexa é a natureza do processo de integração de orações. Em suas conclusões, Rosário (2012, p. 25) sublinha que o fato de encontrarmos na literatura exposições teóricas tão heterogêneas, em geral, origina-se “[...] na fragilidade com a qual o assunto vem sendo tratado, especialmente nos estudos de base tradicional, mas também na diversidade de linhas teóricas que alimentam as propostas apresentadas”.

Diante do que foi exposto, o que deve ficar bem claro é que as construções correlatas são dotadas de certas especificidades, o que não permite que sejam incorporadas à coordenação nem à subordinação, como fazem os autores tradicionais. Vejamos esse tema em mais detalhes na Seção 3.

### **3 O estatuto da correlação**

De acordo com Rodrigues (2014), ao incluir o fenômeno da correlação como uma variação especial da coordenação e da subordinação, em uma tentativa de simplificar a descrição linguística dos períodos compostos, a tradição gramatical acabou por dar tratamento homogêneo a estruturas heterogêneas. Por essa razão, muitos gramáticos sequer mencionam a correlação como estrutura do período composto e, quando a mencionam, afirmam se tratar de um “processo usual na linguagem da argumentação”, característico de “um expediente retórico, de rendimento enfático no discurso, e não um processo sintático distinto da coordenação e da subordinação” (AZEREDO, 2013, p. 351). Ou seja, para a tradição gramatical, a correlação é um recurso utilizado apenas “para dar mais vigor à coordenação” (ROCHA LIMA, 2011, p. 323), como a “expressão enfática da conjunção aditiva *e*, que pode ser expressa pela série *não só...mas também* e equivalentes” (BECHARA, 2009, p. 321, grifo do autor).

No âmbito das gramáticas brasileiras consultadas para esta pesquisa, vale destacarmos que Azeredo (2012, p. 67) é o único dos autores investigados que inclui, no bojo da coordenação, os pares correlativos ‘*senão...ao menos*’, ‘*mas...não*’ e ‘*não...mas*’, os quais, segundo o gramático, expressam uma focalização

contrastiva de preferência ou compensação. Sem dúvida, essa é uma observação de alta relevância nesta pesquisa, pois tangencia o tema de nossa investigação, mesmo que tenha sido tomado sob outra perspectiva, ainda calcada na seara das estruturas de coordenação.

Rodrigues (2014) explica que resgatar a proposta de Oiticica (1952) implica considerar a correlação um mecanismo sintático distinto da coordenação e da subordinação. A autora, em seus estudos, elenca três características que particularizam a correlação em relação à subordinação e à coordenação:

- a) A correlação apresenta conjunções que vêm aos pares, cada elemento do par em uma oração;
- b) No período composto por correlação, as orações não podem ter sua ordem invertida, isto é, não apresentam a mobilidade posicional típica das subordinadas adverbiais;
- c) As correlatas não podem ser consideradas parte integrante de outra, como ocorre com as substantivas, as adverbiais e as adjetivas.

No que concerne à terceira característica, de acordo com Rosário (2012), trata-se de uma tese que não se sustenta, porque há alguns casos em que a correlação pode exercer função de integrante em uma predicação verbal. Vejamos o dado (2) do nosso *corpus*:

- (2) A disposição da polícia do Rio de Janeiro de não divulgar os laudos cadavéricos dos 13 mortos na favela Nova Brasília soa quase como uma confissão de culpa. Já na segunda-feira, quando ocorreram as mortes, surgiram dúvidas quanto ao comportamento da polícia. Testemunhos de moradores sugeriam que os supostos traficantes [*não* haviam sido mortos em um tiroteio – a versão oficial –], [*mas sim* executados depois de rendidos]. (FSP – 12/05/1995)

No dado (2), a correlação oracional “*não* haviam sido mortos [...], *mas sim* executados...” é um integrante que completa a predicação do verbo *sugerir*. Isso demonstra que a correlação apresenta peculiaridades sintáticas, devido à sua grande complexidade e ao seu caráter multifacetado.

Camara Jr (1981, p.87) define a correlação como “uma construção sintática de duas partes relacionadas entre si, de tal sorte que a enunciação de uma, dita prótase, prepara a enunciação de outra, dita apódose”. Castilho (2016) e Rodrigues

(2014) postulam que, nas estruturas correlativas, há uma relação de interdependência, em que uma oração não subsiste sem a outra, por estarem conectadas a termos interligados. Em síntese, um ponto central na correlação é a relação de interdependência entre os pares correlatos, entrelaçados por correladores (compreendidos como os conectores que fazem a junção da prótase à apódose).

A interdependência, de fato, é uma das características centrais da correlação, a qual se apresenta por meio de diferentes redobramentos sintáticos<sup>3</sup>. Em consequência disso, podemos encontrar na língua diversos fenômenos relacionados à interdependência que, conseqüentemente, se afastam dos arranjos mais canônicos da subordinação e da coordenação, normalmente associados respectivamente a dependência e a independência.

#### 4 Análise dos dados

Nesta seção, analisamos as CCSC com mais profundidade. Como veremos, trata-se de construções com estruturas de redobramentos sintáticos muito variados. Devemos destacar, desde já, que essas construções são ainda muito composicionais (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), haja vista sua configuração morfossintática ainda muito diversa e, conseqüentemente, muito maleável.

Postulamos que o esquema mais geral que instancia as CCSC é [Neg X + Conect Y]. Assim, a prótase é formada por uma partícula de negação (*não, nunca, jamais, nada, ninguém*) mais um segmento (oracional, não oracional ou supraoracional). A apódose, por sua vez, é constituída de conector ('e' ou 'mas', seguidos ou não de partícula de reforço, no caso, a palavra 'sim') mais um segmento (oracional, não oracional ou supraoracional).

A partir da coleta e análise dos dados, destacamos que, a esse esquema [Neg X + Conect Y], estão associadas dez diferentes microconstruções, com diferentes configurações morfossintáticas e taxas de produtividade, todas marcadas pelo traço da interdependência. Vejamos a Tabela 1:

---

3 Compreende-se por redobramento sintático a "ocorrência de uma dada classe X, juntamente com uma classe Y, de tal sorte que, ocorrendo X, obrigatoriamente coocorrerá Y" (NEVES, 2016, p. 200).

Tabela 1 - Frequência de pares correlativos nas CCSC

	<b>TYPES</b>	<b>TOKENS</b>
1.	não X, e sim Y	31
2.	não X, mas sim Y	17
3.	nunca X, mas sim Y	3
4.	Y, e não X	3
5.	não X, mas Y	2
6.	jamais X, mas sim Y	1
7.	nada X, mas sim Y	1
8.	não X, nem Y, e sim Z	1
9.	X, e sim Y	1
10.	ninguém X, e sim Y	1
	Total	61

Fonte: Elaboração dos autores

Como podemos verificar na Tabela 1, os *types* “*não X, e sim Y*” e “*não X, mas sim Y*” são os mais frequentes (48 *tokens* no total), dado o quantitativo de ocorrências encontrado no *corpus* analisado. Isso demonstra que a alta frequência desses dois *types* atesta a convencionalidade das CCSC em textos do tipo argumentativo, mormente marcadas pela presença de *NÃO* (na prótase) e *SIM* (na apódose).

As CCSC são, portanto, redobramentos sintáticos socialmente rotinizados, disponíveis ao falante, na expressão de duas noções semânticas amalgamadas: contraste e substituição. Vejamos um primeiro dado do *corpus*, representativo do *type* mais produtivo em nossa coleta de dados, ou seja, o *type não X, e sim Y*:

- (3) [*Não* estou mais radical] [*e sim* mais sabido], diz Lula. O ex-presidente Lula voltou a dizer, na conversa que teve com jornalistas nesta quarta (20), no Instituto Lula, que vai regulamentar os meios de comunicação. Disse também que pretende discutir a criação de impostos sobre grandes fortunas e as razões de o "povo pobre" pagar mais imposto que "o povo rico". (FSP - 19/12/2018)

Em (3), o locutor focaliza a tensão do discurso na informação contida na apódose. De fato, ‘*mais sabido*’, no contexto comunicativo retratado, tem muito mais peso argumentativo que ‘*estou mais radical*’. Assim, o discurso se organiza dessa forma: apresentação do argumento mais fraco em primeiro plano e apresentação do argumento mais forte em segundo plano.

O par correlativo ‘*não X... e sim Y*’ funciona como recurso discursivo, produzindo um contraste entre duas ideias, cujo objetivo é substituir a declaração

contida na prótase pela declaração contida na apódose. A focalização do conteúdo da apódose é instanciada pela junção do conectivo 'e' à partícula adverbial de reforço afirmativo 'sim'. Já o valor contrastivo se estabelece por meio da polaridade no par 'não' e 'sim'.

Como vemos, há um jogo argumentativo, de alta complexidade, marcado discursivamente por uma relação de interdependência. Esse jogo intenta apresentar ao leitor ou interlocutor uma alta carga de persuasão, de modo a impactá-lo e convencê-lo de alguma ideia proposta. Os efeitos de sentido são bem evidentes.

Agora vejamos, em (4), um dado representativo do *type 2* (*não X, mas sim Y*), que foi o segundo mais frequente em nosso *corpus*:

- (4) [...] "O desequilíbrio fiscal vem sendo produzido pelas políticas monetária e cambial adotadas pelo governo", disse Pastore. O ajuste fiscal enviado ao Congresso [*não* promoveu corte de gastos], [*mas sim* aumento de receitas], acrescentou o economista. Pastore alertou os deputados e senadores para o fato de que a política cambial fixa, defendida pelo plano de Fernando Henrique Cardoso, pode vir a internalizar na economia do Brasil as crises das economias de outros países [...]. (FSP 12/03/1994)

No dado (4), é possível verificar claramente a função argumentativa das CCSC. No contexto de uma discussão política, o tema é o desequilíbrio fiscal. O falante intenta convencer os interlocutores a aderirem à sua tese. Para isso, ao tratar do assunto, Pastore apropria-se de uma ideia possivelmente compartilhada pela audiência, mas que é negada em seu discurso (*não* houve corte de gastos). Em seguida, acrescenta outra informação que, possivelmente, contraria ou nega a expectativa dos interlocutores (houve aumento de receitas).

A substituição e o contraste são espelhados não somente no par correlativo propriamente dito (instanciado por '*não*' na prótase e '*mas sim*' na apódose), mas também pela própria seleção lexical. De fato, na prótase, o falante utiliza o termo 'corte', que se contrapõe ao termo 'aumento' na apódose, o que estabelece uma relação de antonímia. Logo, a CCSC traduz com mais clareza o próprio conteúdo que se quer comunicar no discurso. Em outras palavras, há duas informações em contraste ('*corte de gastos*' e '*aumento de receita*'), que são desniveladas pelo locutor ao negar o conteúdo da prótase e sublinhar/afirmar o conteúdo da apódose.

Vejamos o dado (5), que também é representativo do *type 2*:

- (5) Cacá – Saindo da escola de teatro naquela época. Aliás, ambos estávamos saindo. Maria Alice foi expulsa da escola por fazer comigo uma cena na peça O Cabaré da Rainha Louca, em que eu encoxava a professora e ela gritava "viva o teatro nacional". Teve uma comissão de sindicância na faculdade e ela acabou afastada. Na época, 1977, todos os grupos estavam desarticulados. Ou era o teatro comercial com aquelas peças de marido, amante e mulher, ou um teatro alternativo, de gueto. [Nós *não* queríamos nem uma coisa nem outra], [*mas sim* firmar uma terceira posição] – (FSP - 20/12/1994)

No dado (5), o *type 2* apresenta-se com uma especificidade, à diferença do dado (4): dentro da correlação substitutiva contrastiva (instanciada pelos correladores *não... mas sim*), há uma correlação aditiva de polaridade negativa (*nem... nem*), que liga ‘*uma coisa*’ a ‘*outra*’. Os sintagmas ligados por ‘*nem... nem*’ retomam duas informações dadas no período oracional anterior (‘*teatro comercial*’ e ‘*teatro alternativo*’) funcionando, ambos, como tópicos. Já na apódose, temos uma informação completamente nova, a qual substitui as informações contidas nos tópicos anteriormente apresentados, como é comum na CCSC.

Essa substituição (‘*firmar terceira posição*’ por ‘*não querer nem uma coisa nem outra*’) é marcada por uma considerável força enfática, codificada pelo par correlativo ‘*não... mas sim*’, que conta, em sua constituição morfossintática, com uma partícula de reforço afirmativo. A finalidade dessa focalização contrastiva não é apenas substituir um conteúdo por outro conteúdo, mas, sobretudo, reafirmar a posição do locutor diante do que está sendo dito. Daí o forte caráter argumentativo das CCSC.

Vejamos, em (6), um dado representativo do *type 5* (*não X, mas Y*):

- (6) A guerra no Vietnã [*não* foi uma guerra de cinema, adrede glamourizada], [*mas* uma carnificina exposta todas as noites nos lares americanos]. Ou seja, uma guerra invasiva, onipresente e saturante, da qual o cinema manteve distância por uns tempos. (FSP 03/04/1995)

Em (6), temos dois predicativos do sujeito interligados pelo conectivo ‘*mas*’: ‘*uma guerra de cinema, adrede glamourizada*’ e ‘*uma carnificina exposta todas as noites nos lares americanos*’. Esse segundo termo recebe uma especial focalização em relação ao primeiro. Ao receber foco especial, cria-se um ‘desnível’ argumentativo, que provoca uma sobreposição do segundo termo em relação ao

primeiro. É assim que surge o recurso da focalização contrastiva por meio do par correlativo '*não... mas*'.

Tanto a informação contida na prótase quanto a informação contida na apódose funcionam como tópicos, visto que ambas retomam uma informação dada anteriormente ('*guerra no Vietnã*'), qualificando-a, mas com pesos discursivos distintos. O termo '*carnificina exposta*' denota uma carga semântica extremamente negativa se comparada a '*guerra de cinema*'. Essa diferença, em termos argumentativos, é possibilitada não só pelo par correlativo em si (*não... mas*), mas pela própria seleção lexical, de modo que a força da correlação substitutiva contrastiva emerge do próprio discurso. Afinal, sem dúvida, '*carnificina*' é algo muito mais enfático que '*guerra de cinema*'.

Essa polaridade negativa presente na apódose pode ser a explicação para o fato de a partícula de reforço afirmativo (*sim*), presente em outros pares das CCSC, ser preterida pelo locutor, já que o objetivo é justamente intensificar a ideia de contraste.

Vejamos agora, em (7), um par correlativo menos prototípico, representativo do padrão 6 (*jamais X, mas sim Y*):

- (7) Folha – O sr. diria que já fundamentava o seu ensino na lógica, na filosofia? Freire – Claro! Tu sabes que, mesmo quando eu não soubesse ainda, me encaminhava no sentido de mostrar a fundamentação científica da linguagem, certos mistérios da linguagem. [*Jamais* a gramatiquice me atraiu], [*mas sim* a compreensão sociológica, psicológica, tanto estética quanto filosófica da linguagem]. E eu conseguia transmitir isso aos alunos. (FSP 29/5/1994)

Em (7), a concatenação dos vocábulos '*jamais*' e '*mas sim*' forma um par correlativo que também expressa focalização contrastiva, cujo objetivo é substituir o conteúdo negado na prótase pelo conteúdo focalizado na apódose. Os conteúdos presentes na prótase e na apódose constituem duas declarações do entrevistado diante de uma pergunta que lhe foi direcionada. Na prótase, o advérbio de negação '*jamais*' marca a posição do locutor diante do conteúdo negado. Em contrapartida, temos na apódose o correlator '*mas sim*'. Como já verificamos em outros pares, a partícula de reforço afirmativo antecedida de focalização contrastiva contribui para firmar a posição do locutor diante de sua declaração.

Um ponto que merece discussão é o próprio estatuto de conector que estamos atribuindo a *jamaís*. Em uma perspectiva mais tradicional, esse elemento seria interpretado como um simples advérbio. Entretanto, segundo a visão teórica adotada nesta pesquisa, defendemos que *jamaís* passou por um processo de neoanálise, visto que foi recrutado e atraído para o rol dos correlatores substitutivos contrastivos. Como é muito comum na correlação, o conjunto dos correlatores apresenta diversidade morfossintática e normalmente reaproveita material linguístico de diversas outras categorias gramaticais, provocando o que conhecemos como expansão da classe hospedeira, nos termos de Himmelmann (2004). De fato, a classe dos correlatores se expande à medida que recruta elementos gramaticais de outras classes.

Outro ponto que vale ser ressaltado é a extensão do conteúdo presente na apódose: ‘*a compreensão sociológica, psicológica, tanto estética quanto filosófica da linguagem*’ substitui ‘*a gramatiquice*’. Tal fato reforça a aplicação empírica do subprincípio da quantidade de Givón (1990), uma vez que “quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito expressa por ela” (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2015, p. 23). Assim, a complexidade do pensamento, de algum modo, se reflete na quantidade de expressões selecionadas pelo falante no momento da interação comunicativa. Por fim, como a apódose, de fato, é o que se quer enfatizar, é natural que seja mais ‘pesada’, o que também colabora para um reforço na memória do interlocutor ou leitor do texto.

## **Conclusão**

Ao longo deste artigo, ao analisarmos o processo de articulação de orações, constatamos quão impreciso é o critério da (in)dependência sintática e/ou semântica proposto pela tradição gramatical. Afinal, a dinâmica do uso da língua recruta diversos outros arranjos fora desse esquema mais típico, como é o caso dos desdobramentos sintáticos discursivos presentes nas CCSC – construções correlatas substitutivas contrastivas. De fato, nas CCSC, não há estruturas dependentes ou independentes, mas interdependentes, visto que a prótase prepara a apódose, vinculando-se uma à outra reciprocamente.

Não há, portanto, uma bipartição no processo de articulação de orações, mas, ao contrário, uma diversidade de relações no âmbito da integração oracional. E dentro desse grande universo de possibilidades, destaca-se a correlação substitutiva contrastiva, que desempenha um papel singular no plano argumentativo da linguagem, em um jogo de negação e afirmação com foco.

A intuição de Oiticica (1952), com relação a uma grande ‘floresta inexplorada’, tem grande validade até os dias de hoje, visto que a correlação é, de fato, um grande campo a ser desbravado pelos pesquisadores. Afinal, além das correlações mais conhecidas, como a aditiva, a comparativa, a alternativa e a consecutiva, os dados reais de uso linguístico comprovam a existência de outras construções ainda pouco estudadas, como o é o caso das CCSC.

A partir da análise dos dados recortados de nosso *corpus*, podemos concluir que as CCSC não se comportam como estruturas de coordenação nem de subordinação, haja vista a interdependência que as caracteriza. Além disso, essas construções da língua portuguesa desempenham o papel principal de expressar *focalização contrastiva*, com o objetivo de substituir o conteúdo da prótase pelo conteúdo da apódose.

Sem dúvida, este trabalho é apenas uma breve incursão no tema da correlação substitutiva contrastiva. Ainda há muitos pontos a serem aprofundados, mas, sem dúvida, essas reflexões introdutórias ao tema já servem para desvelar a importância do assunto, tendo em vista a produtividade do fenômeno investigado e a sua ausência em nossos compêndios gramaticais.

## Referências

ACOSTA, Jovana Mauricio. *Análise funcional das construções correlatas alternativas*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem), Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2016.

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*. Ed. Digital. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3 ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.

CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1981.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Coordenação e Subordinação. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. (orgs.). 2ª ed. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2014.

FERNANDES, Thaís Pedretti Lofeudo Marinho. *Construções correlatas proporcionais sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem), Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2017.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional typological introduction*. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

HILMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter et al. (eds.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Não que eu não saiba o que é normativo, mas as pessoas estão usando assim. Correlações inovadoras no português brasileiro. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 7, p. 18-34, 2014.

MARGARIDO, Renata. *Se penso, é porque existo: as construções correlativas com “se... verbo ser + porque” sob uma perspectiva funcionalista*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2016.

NEVES, Maria Helena de Moura (org). *As construções das orações complexas* (Gramática do Português Culto Falado no Brasil, v. 5). São Paulo: Contexto, 2016.

OITICICA, José. *Teoria da Correlação*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática Descritiva do Português*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES, Violeta Virginia (org). *Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

RODRIGUES, Violeta Virginia. Correlação. *In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (orgs.). 2 ed. Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 225-236.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2012.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Correlação. *In: VIANNA, Edila; DIAS, Nilza Barrozo (orgs.). Português III*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014, p. 109-123.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Sintaxe Funcional. *In: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo (orgs.). Sintaxe, Sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 143-164.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Reflexões sobre o critério da (in)dependência no âmbito da integração de orações. *Línguas & Letras (Online)*, v. 17, p. 252-272, 2016.

ROSÁRIO, Ivo Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)*, v. 60, p. 233-259, 2016.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Construções correlatas aditivas e disjuntivas. *Odisséia*, v. Especial, p. 103-124, 2017.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Niterói-RJ: EdUFF, 2018.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

*Recebido em 15/08/2019*

*Aceito em 31/10/2019*